

Povos Indígenas no Brasil

Fonte LIBERAL Class.: 31
 Data 09/02/82 Pg.: _____

Entre os índios, cai a incidência e há muito maior controle

Nos últimos 50 anos, praticamente 50 por cento dos grupos indígenas, desapareceram em decorrência da tuberculose, que veio a ser conhecida por estas populações, através de contato com a civilização. Hoje, entretanto, com o avanço da tecnologia de combate e controle da doença, a vacinação contra tuberculose, nos índios contatados chega a 85 por cento, atingindo as todas as faixas etárias, enquanto que a média de vacinação da população brasileira atinge a casa dos 60 por cento e apenas na faixa etária dos 0 a 14 anos.

Por outro lado, em levantamento dos trabalhos que vêm sendo realizados nos últimos 27 anos contra a tuberculose, junto ao índio brasileiro é possível perceber que o índice de cura da doença chegou a quatro mil casos, ou seja 80 por cento, também mais alto que o índice de cura constatado na população em geral. De tudo isso o mais importante é a constatação de que com a tecnologia atual, é possível tratar-se o índio doente em sua própria aldeia, tão bem como se ele estivesse recebendo tratamento nos grandes centros urbanos.

As afirmações foram feitas ontem, pelo professor, José Antonio Nunes de Miranda, diretor da Unidade de Atendimentos Especiais da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária, que tem atuação principalmente na área indígena. José Miranda que talvez seja a pessoa no mundo de maior experiência em tuberculose indígena, já atua há 30 anos nesta área e ontem esteve em Belém, de passagem para Macapá, onde a partir de amanhã, participa do Encontro Regional de Controle da Tuberculose, na região Norte.

Junto com José Miranda, também esteve ontem, em Belém, o dr. Gilmário Mourão Teixeira, assessor da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária e coordenador de Doenças Transmissíveis do Inamps. Gilmário já foi assessor da Organização Panamericana de Saúde, para assunto de tuberculose, sendo considerado uma das maiores autoridades mundiais da doença, e também vai participar do encontro de Amapá. Mas antes de embarcarem para aquele território, ambos concederam coletiva à imprensa, no Hospital Barros Barreto, acompanhados do secretário Estadual de Saúde, Almir Gabriel.

Disse José Miranda que o trabalho para controle da tuberculose no meio indígena é feito através de um ajuste de cooperação entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária. A Funai executa a operação, sob orientação e supervisão da Divisão, atingindo hoje praticamente 80 por cento da área indígena. Ao mesmo tempo a Divisão também coordena o programa de treinamento de pessoal assegurando o atendimento direto às áreas críticas.

Conforme explicou José Miranda, o tipo de trabalho a ser executado, depende do grupo indígena, sendo que a tuberculose no índio, está proporcional ao grau de integração que este tem com a civilização, visto que não conhecia a tuberculose antes da chegada do civilizado. De acordo com o estágio de aculturação, existe hoje quatro tipos de índios; isolado, em contato esporádico; em contato permanente e o chamado integrado.

Quando entra em contato com o branco, a tuberculização do índio é inexorável, sendo que seu grau varia de grupo para grupo. No Brasil há índios com tuberculização talvez não atingida em outros locais, do mundo e com uma variação que vai dos mais altos índices registrados na Uganda, até os menores da Holanda. O certo, porém, é que conforme salientou José Miranda, quanto mais o índio tem sua cultura, mais defesa tem também contra a tuberculose. Isto porque "ele tem um tipo de vida diferente do que passa a ter depois do contato com a civilização.

Todo grupo indígena que entra em contato com a tuberculose passa pelas fases epidêmicas (onde a maior parte da população mais sensível contrai a doença) epidêmica. Entretanto, este é um processo que demora algumas gerações por uma seleção natural que vai havendo onde os mais sensíveis morrem e os demais sobrevivem. Historicamente, quase todos os grupos indígenas brasileiros, passam por fases epidêmicas, como aconteceu com os Bororo e os Karajá, vítimas de grandes epidemias.

Hoje, contudo, tem se conseguido, e em alguns casos, modificar esta tendência natural como no Parque Nacional do Xingu, onde os médicos chegaram antes da tuberculose, que faz com que talvez este tenha sido o primeiro grupo em que esta ocorrência natural e histórica tenha sido alterada.

Mas é aí justamente que reside o problema: como chegar antes da tuberculose? Em certos grupos, como os Arara, que agora é que estão tendo seus primeiros contatos com uma frente de atração, a expectativa é de que eles não tenham tuberculose, embora seja possível que eles a tenham contraído de outros grupos indígenas tuberculizados. Por outro lado, a entrada de uma equipe médica na área deste grupo, requer já um certo grau de aproximação, isto é, não pode ser imediata. Por tudo isto, é que José Miranda, considera que a resposta para esta pergunta não é fácil e requer antes de mais nada muito trabalho.

Mas apesar de todas as dificuldades, nestes últimos 27 anos de trabalho têm-se conseguido chegar a resultados realmente positivos: o índice de cura dos indígenas atinge a casa dos 80 por cento, enquanto que a vacinação, 85 por cento dos índios já contagiados, isto é, já foram utilizados 110 mil vacinas.

No caso dos Suruí o problema era mais grave, eles tinham 40 por cento de sua população com incidências de tuberculose. Em 1975, tinham 46 casos positivos, para uma população de 165 habitantes. Em 1976 começa o trabalho de combate a doença e a partir desta data eles também têm uma incidência de um a três casos por ano de tuberculose e não tiveram qualquer caso de morte entre sua população.